

## IMAGEM E MEMÓRIA EM SUBMISSÃO: UM CURTA METRAGEM SOB O OLHAR DA SOMALI AYAAN HIRSI ALI

**Eumara Maciel dos Santos**

Universidade Federal do Oeste da Bahia

E-mail: eumaramaciel@hotmail.com

O curta-metragem *Submissão – Parte I* (2004) é inspirado nas memórias da somali Ayaan Hirsi Ali. Ela escreveu o roteiro e o codirigiu junto ao holandês *Theo van Gogh*, que acabou sendo assassinado após a exibição do curta, por conta do tom de crítica ao fundamentalismo islâmico. Ayaan, até hoje, vive sob forte **esquema** de segurança, pois foi avisada pelo assassino de Theo - através de uma carta cravada com um punhal no peito do diretor - que ela seria a próxima: o preço do relato de suas memórias como mulher que viveu a experiência do muçulmanismo.

A Somália islamizada: nessa parte de África, arremessada ao Oceano Índico, foram delineadas muitas das memórias de Ayaan Hirsi Ali. Mogadíscio foi um dos cenários em que a somali viveu sob um regime de fundamentalismo religioso. Na saga de quem é mulher no islamismo, ela acabou sendo submetida aos ritos e mitos da excisão genital, levou constantes surras na infância e também na juventude, ao ponto de ter o crânio rachado por um religioso que lhe ensinava os dogmas do islã, sendo, inclusive, obrigada a se casar com um homem que não amava. Depois de longo sofrimento, diásporas e questionamentos, passou de defensora da Irmandade Muçulmana à descrente, chegando até mesmo a ser parlamentar e crítica ao Islã.

Como refugiada na Holanda, despertou a ira dos muçulmanos quando produziu o curta *Submissão* (2004), no qual uma jovem muçulmana aparece de burca e, ao mesmo tempo que reza, questiona e critica o Islã: não há estranhamento quando ganha inúmeros inimigos, já que é uma “infiel” atacando a palavra de Alá a partir das memórias que guardou dos seus tempos de devoção.

Um filme passa na cabeça de quem rememora; a memória tem essa magia de trabalhar também com as imagens em movimento num ímpeto de tornar vivo o que se lembra. Um turbilhão de cenas é desencadeado e o passado se faz presente, afinal, a imagem é um dos artefatos da memória.

Sobre essas encenações, entre imagem e memória, este artigo foi escrito a partir da análise do curta-metragem *Submissão* que tem roteiro da somali Ayaan Hirsi Ali e direção do holandês *Theo van Gogh*. O curta, exibido na televisão holandesa em 2004, desvela um fragmento denso de representa-

ções de vidas de mulheres nas sociedades islâmicas e trata da questão dos casamentos arranjados, da violência doméstica e dos incestos. Essas cenas foram uma tentativa de chamar a atenção dos holandeses para a situação de opressão em que vivem as mulheres na cultura islâmica, sobretudo sobre o olhar de Ayaan em suas reminiscências.

*Submissão* pode ser visto como o espelho das memórias de Ayaan Hirsi Ali, quando viveu tempos de fundamentalismo islâmico na Somália e em diásporas, inclusive pela Arábia Saudita. Ayaan vivenciou e/ou presenciou a maioria das situações a que são sujeitas as mulheres em mundos islâmicos: sob os véus continha seu sofrimento e indagações, como manda o figurino muçulmano, Até que, certo dia, os questionamentos começaram a tomar os pensamentos de Ayaan; não era mais possível velar as feridas que foram cingidas em seu corpo e em sua mente. O onze de setembro de 2001<sup>1</sup> foi essa data marcante, um fato memorável que despertou na somali as inquietações que dormiam sob o longo véu do silêncio.

Subversiva foi uma das maneira com a qual Ayaan manifestou sua insatisfação com determinadas normas islâmicas designadas às mulheres fiéis aos preceito do Alcorão<sup>2</sup>: sob as lentes das câmeras, mulheres nuas com suratas do Livro Sagrado inscritas em seu corpo; imagens<sup>3</sup> de corpos femininos trêmulos jogados ao chão depois de longas surras. A trilha sonora? Leves tons de uma música árabe e chibatadas cortando violentamente o ar. Esses sons embalam a história de uma moça muçulmana que foi obrigada a casar com um primo que era muito violento. Sempre que recebia a visitado tio, era forçada a ter relações sexuais com ele – estupro; portanto, deveria ser condenada por adultério, condição que lhe conferia decreto de morte.

O corpo e sua sedutora imagem com escritos corânicos, tal como na tábua sagrada entregue ao Profeta. Para quem é islâmico esse é um grande desrespeito. Mas o que é mesmo respeito na cultura islâmica? A quem se deve respeitar? Um sem-número de indagações semelhantes à essas pairam nas memórias de Ayaan quando traz à tona as cenas do curta. É válido lembrar que o olhar lançado sobre a condição feminina no islã é de uma “ex-fiel” que reuniu experiências desse mundo e, não contente, decidiu, a seu modo, tirar os véus daquilo com que simpatizava, ou não.

Como numa espécie de cinema interior, o curta é em forma de diálogo

---

1 Ataques da organização fundamentalista islâmica AL-Qaeda aos prédios das Torres Gêmeas nos Estados Unidos.

2 Alcorão ou Corão é o conjunto de livros sagrados dos muçulmanos que professam os ensinamentos de Maomé, através da religião islâmica ou islamismo.

3 Afinal, falar sobre imagem no islã não é nada agradável, já que os islâmicos condenam a imagem por “ser sedutora”.

com o próprio Alá: vozes femininas ressoam e questionam as leis que determinam tanta dor e violência física e moral, contam elas, mesmo que sigam as regras a elas imposta para agradar ao “Clemente, o Misericordioso” (ALCORÃO SAGRADO):

“Ó Alá, altíssimo! Você diz que os homens são os protetores e mentenedores da mulher, porque Você lhes deu mais (força) do que ao outro. Eu sinto, pelo menos uma vez por semana, a força do punho do meu marido na minha cara.

Ó Alá, altíssimo! A vida com meu marido é difícil de levar, mas submeto minha vontade a Você.” (SUBMISSÃO – PARTE I, 2004).

Esse é o primeiro questionamento no texto fílmico pela figura de uma jovem muçulmana sob denso véu preto: já que, no Alcorão, diz-se que ao homem foi dada mais força do que à mulher para poder aquele proteger esta, por que essa força é usada para agredi-la? Questiona-se, mas procura resposta num conformismo que Alá requer dos seus fiéis para que tudo ande na ordem de suas leis. Ora, o próprio nome Islã significa submissão.

“Nesse balé da submissão” (ALI, 2007, p.22), dançam, sincronicamente, com as suratas do Alcorão, as fiés. Submetendo-se aos preceitos do islamismo, Ayaan passou longos anos da sua vida, inúmeras surras suportou de sua mãe, teve até traumatismo craniano causado por um golpe com um Alcorão diferido por um professor das leis corânicos. Também foi prometida a um primo, assim como aparece no curta:

“Quando tinha 16 anos, meu pai me revelou na cozinha: ‘Você vai se casar com Aziz; ele é de uma família honesta e cuidará bem de você.’ O dia do meu casamento foi uma celebração para nossas famílias, mas não para mim.” (SUBMISSÃO – PARTE I, 2004)

Ayaan foi repudiada pela família depois da fuga do casamento. Ela, hoje, é uma mulher ameaçada de morte pelo fundamentalismo islâmico, depois das produções sobre a condição da mulher no islã. No curta-metragem, a moça tenta justificar sua conduta, suplicando e chorando com o corpo posto em posição de orar:

“Ó Alá, benevolente e misericordioso.

Assim como Você pede da mulher crente, baixo meu olhar e guardo minha modéstia.

Eu nunca exibo minha beleza ou ornamentos; nem sequer minha face ou mãos.

Eu nunca piso forte a fim de não chamar a atenção aos meus ornamentos escondidos, nem sequer em festas. Eu nunca saio de casa, a não ser que seja extremamente necessário; e então somente com a permissão do meu pai.

Quando eu saio, dobro meu véu sobre me como Você determina.

De vez em quando eu peço.

Eu fantasio sentir o vento soprando por meus cabelos ou o sol em minha pele, talvez da praia.”(SUBMISSÃO – PARTE I, 2004)

Percebe-se que são veladas as expressões; repita-se: são veladas, pois, embaixo do véu, existem ornamentos e performances reprimidos que não podem ser vistos sob pena de sedução. De olhar baixo e corpo escondido, a mulher islâmica guarda discrição presa no casulo com raros avais para sentir a luz do sol energizar-lhe os panos dos véus ao serem proteções até mesmo contra as carícias do vento.

As passagens de *Submissão* são metáforas vivas das memórias de Ayaan. Assistir a um filme é estar envolvido em situações de (re)criação da memória. Ayaan recria sua memória no curta-metragem como se transpusesse para a película e vivesse as experiências contadas dolorosamente pela atriz. É ela atriz de muitos dos relatos de mulheres islâmicas somali.

Os valores de Ayaan são traspostos para a tela. Não é só uma história de uma jovem islâmica, mas de um contingente vertiginoso de mulheres que vivem na submissão e que a somali pode viver ou captar. Portanto, não é um filme só dela, é também das experiências de outras que se irmanam a ela pela repetição de tradições islâmicas.

*Submissão* seria a primeira parte cinematográfica de denúncias memoráveis de Ayaan, a continuação do curta trataria da situação dos homossexuais masculinos no mundo islâmico, que muito provavelmente não será gravado, devido a todas as ameaças já feitas à somali. Apesar de todas as retaliações, na sua coleção de memórias, Ayaan irá guardar que foi eleita uma das cem mulheres mais influentes do mundo.

Rememorar é viver o que se está lembrando; não creia que isso foi fácil e simplesmente executado nos bastidores da escrita do roteiro do curta-metragem. Na projeção, há milhares de vidas que também compartilham de tais memórias, de tais imagens, afinal, o filme não começa quando se diz “ação” e não acaba depois da claquete: há muito para analisar nesses entremeios da imagem e da memória.

## Referências

ALCORÃO SAGRADO. Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu. Disponível em <http://www.islam.com.br>. Acesso em: 17 mai. 2013.

ALI, Ayaan Hirsi. **Infel: a história de uma mulher que desafiou o islã**. Trad. Luiz Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**SUBMISSÃO – PARTE I.** Traduzido pelo Programa de Educação Tutorial em Ciência Política – PET/POL UnB. Direção de Theo van Gogh.. Roteiro de Ayaan Hisri Ali. 2004. Curta-metragem. Duração:10 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=agBqsxXg4NE>. Acesso em: 20 Jul. 2013.

Recebido em 20 de julho de 2014

Aprovado em 30 de outubro de 2014